

JOSÉ DE ALENCAR

"Sua vocação de homem público não era de estadista, mas de escritor. E embora tenha sido com muito brilho jornalista, orador, parlamentar e jurisconsulto, foi como escritor que se projetou na posteridade - essa posteridade a que, às vezes, receava não chegar e que talvez tenha sido o motivo inconscientemente suas digressões fora dos limites de seu mundo romântico". - M. Cavalcanti Proença.

2. "O Sertanejo" foi sua colheita da viagem ao Ceará. Último livro aparecido em vida do autor, pois "Encarnação", já escrito, só seria publicado em 1893." Idem.

3. "Regenerar é o destino da América nos destinos da humanidade". Por isso, fiéis a essa predestinação, o Dourado, êmulo da Vaca do Burel, do ~~Boi Espaço~~ do Rabicho da Geralda, "era um animal corpulento, de marca prodigiosa, como raros exemplares se encontram no sertão, hoje que as nossas raças domésticas estão descaídas daquele vigor primitivo que tomaram ao influxo e contacto do Novo Mundo". Idem

4. "Mestiço, descendente de índio, mescla de civilização e de selvagem, Arnaldo tem a fisionomia iluminada pelo reflexo da majestade solene do deserto. E para que a evocação do deserto não leve o leitor a se deixar influir apenas pelas imagens que se lhe associam na cultura européia, o romancista faz questão de associá-la, também ao novo mundo, explicando que a majestade do sertanejo era a que "fulgurava nos olhos do cavaleiro árabe e do guerreiro tupi". Idem.

5. "Arnaldo encontrou nas caatingas mais ambiente para o florescimento das virtualidades herdadas com o sangue caboclo. Vaqueiro independente, sem aceitar sujeição como o índio, nascera para a floresta índia. Sertanejo da gema. Dorme nas matas por amor das árvores, fala com os animais, conversa com o gado".

6. "Índio e sertanejo são tipos que o povo idealizou como símbolos de sentimentos nobres, de coragem sem desfalecimento, e José de Alencar poetizou-os, deu-lhes a força e a beleza que devem ter os símbolos para que se perpetuem. Fez obra de poeta. Por isso, o poeta Manuel Bandeira bem o entendeu: "Viva José de Alencar". Idem.

7. "Alencar é um dos informadores máximos do folclore. Registrou nos romances a normalidade da vida brasileira, de norte a sul, mitos, lendas, cantigas, lutas, festas religiosas e políticas, tradições, costumes locais". - LUÍS DA CÂMARA CASCUDO.

8. "Aquele boi Dourado de "O Sertanejo", é irmão gêmeo do secular Rabicho da Geralda; e perseguindo-o, Arnaldo imita o vaqueiro do Pajeú que, na corrida, ao defrontar um galho atravessado no caminho, desmonta de um salto e cai enforquilhado na sela, mais adiante; vaqueiro por cima, cavaleiro por baixo do galho importuno". M. Cavalcanti Proença.

9. "Alencar foi um visual, um apaixonado das cores vivas, das superfícies iluminadas, das formas harmoniosas. Como acentua Augusto Meyer, "não acode a ninguém procurar nas suas páginas outra coisa, senão o encanto dessa mesma superfície. É belo o espetáculo e, como tal, satisfaz". Idem.
10. "Alencar se torna popular, porque realiza nos seus romances o equilíbrio moral e social com que sonham todos os idealistas e o povo. Os maus são punidos, os heróis, exaltados." Idem.
11. "Na lenda grega, foi a morte da amada que fez do herói um misógino. Em Alencar, é o próprio amor, na sua pureza absoluta, que transcende a vida, para fixar-se na imaterialidade do eterno que só a morte confere aos sentimentos humanos". - IDEM.
12. "A coerência dos enredos é tão forte, que podemos fazer uma pequena estação em O Sertanejo. O romance acaba com a prome
13. "Em Arnaldo os traços do ascendente helênico nos parecem mais acentuados, talvez pela versatilidade do seu poder de domínio que abrange desde a juruti, sua companheira de pousada, até o casal de tigres, com passagem pelo boi Dourado e pelo cavalo Corisco. Menino, domina uma serpente e arranca-lhe os dentes, para satisfazer o capricho de Flor; moço, reduz à submissão uma família de tigres, compreende a linguagem da cabra Bebé e - então, mais que nunca, Orfeu - traz de volta ao aprisco, pela simples magia do aboio, a novilha transviada, a alva Bonina". - Idem.
14. "Arnaldo tem ciúme de Flor, não admite a idéia de que um homem a possua, vai ao extremo de inutilizar, com a flecha envenenada, ha hora mesma da cerimônia nupcial, o pobre Leandro Barbalho; entretanto, não deseja a companheira de infância, não ergue para ela olhos impuros, pois "acreditava que havia de ser sempre a mesma, sempre solitária, sempre donzela, como a lua do céu, como a virgem em seu altar"; da mesma forma, ele se mantém imune aos reclamos da carne e repele como um insulto a sedução da linda Rosinha." ~~PEREX~~ - Idem.
15. "O Rabicho da Geralda, velha saga de um boi alçado, que o autor ouviu cantar em sua província, deu margem ao capítulo da caça ao Dourado em "O Sertanejo"..... "Mas o boi Dourado não é só parente do Rabicho, do Boi Espaço e da Vaca do Burel. Fisicamente descende do touro que matou o Jônde dos Arcos na "Última Corrida de touros em Salvaterra", de Rebelo da Silva". Idem.
16. "Nam velho lar brasileiro é sempre fácil encontrar, num fundo de gaveta, alguma brochura amarelada e já treslida do romancista" - Brito Broca
17. "O Sertanejo não é romance independente e isolado, pois que Alencar não é autor de pequenos mundos insulados, mas de um vasto mundo: a sua grandeza se revela melhor, conhecendo-lhe a obra toda que se ~~de~~ mostra inteiriça na fragmentação. O grande painel da vida brasileira se vai delineando pela justaposição dos romances e o ângulo, em que se deve encaixar "O Sertanejo", está formado com as arestas de outros romances, talvez o Til e O Gaúcho, numa completação das zonas rurais do país". Idem.

18. "A leitura dos livros de José de Alencar nos transmite sempre emotividade sadia e nunca a depressão do tédio ou da tristeza." Artur Mota.
19. "Não sei se a mocidade que aí chega, ela mesma já tão desiludida e enfasiada da vida, tão prática e tão pouco entusiasta, lê os livros de José de Alencar. Devia lê-los, pois ele foi a mais nobre figura da nossa literatura e, pela vontade ao menos, o mais brasileiro dos nossos escritores". José Veríssimo.
20. "José de Alencar foi o primeiro que deu à prosa no Brasil o lavor artístico do estilo aprimorado e brilhante, o que tem sido até agora o mais aprimorado de nossos paisagistas e o que mais vigor tem revelado na habilidade de descrever e narrar". - "Compêndio de História da Literatura Brasileira" por Sylvio Romero e João Ribeiro.
21. "Aprendemos com José de Alencar a ter estilo, isto é, a considerar o romance como uma obra de arte, e não simplesmente como um divertimento, um mero jogo de situações, mais ou menos possíveis, ou um punhado de anedotas picantes". - "Donald de Carvalho" "Pequena História da Literatura Brasileira".
22. "Machado de Assis disse uma vez a Alencar, publicamente, que contra a conspiração do silêncio o ilustre escritor teria por si, um dia, a conspiração da posteridade".
23. "Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira. E não é só porque houvesse tratado assuntos nossos. Há um modo de ver e de sentir que dá a nota íntima da nacionalidade, independente da face externa das coisas... O nosso Alencar juntava a esse dom a natureza dos assuntos, tratados da vida ambiente e da história local. Outros o fizeram também; mas a expressão do seu gênio era mais vigorosa e mais íntima". - Machado de Assis - "Páginas recolhidas".
24. "A pujança original de Alencar indica um caminho novo na literatura brasileira. É um pictórico: todos seus romances vivem pela pintura das paisagens..... A produção de Alencar é larga e variada. Toca em temas diversos, vai do sul ao norte, descritivo de costumes em diferentes latitudes - mas volta-se, preferentemente, para o que é nativo, brasileiro, como a seiva do solo e do sangue caldeado na floração autóctone, para fazer vibrar a totalidade indianista e anti-lusitana!" - Djacir Meneses, "Evolução do Pensamento Literário no Brasil".
25. "A obra de Alencar entra pelos olhos como um filme, ela é sobretudo sugestão visual, sucessão de quadros vivos e ousados, com vigorosa concentração de luz sobre os episódios principais e, de vez em quando, o emprego do estratagema oportuno. Que soberano desprezo da verossimilhança! Que insolência admirável no seu vá como for, em que o poder de inventiva leva tudo de arrasto e a poesia tudo encobre!" - Augusto Meyer, in "O Romance Brasileiro".